

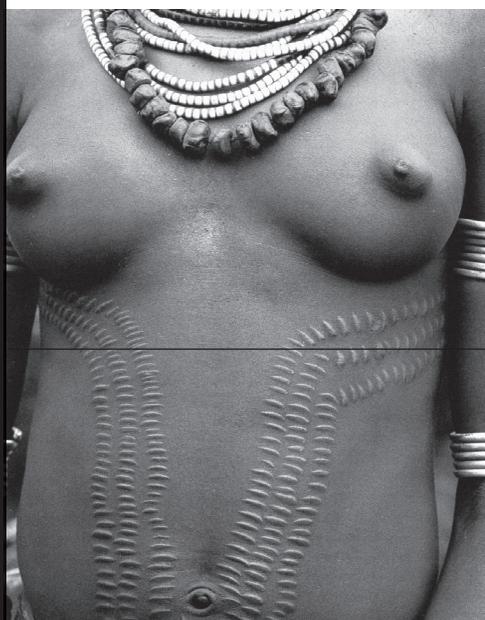
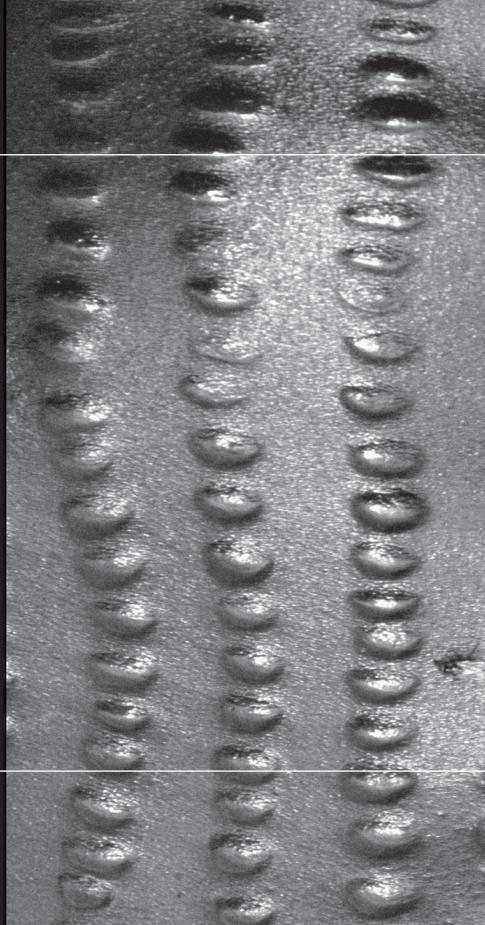
[ LILI VARELLA ]

Viajante-mor por natureza, acredita que em qualquer ponto do mundo sempre haverá alguém com uma boa história para contar, ou uma imagem marcante para se ver. Formada em Turismo, optou por ser empresária da noite tendo o Drosophyla Bar como o seu gabinete de curiosidades.

E-mail: [lilimv@terra.com.br](mailto:lilimv@terra.com.br)

## Meu nome é roupa

[ a pele como roupa e a roupa como pele ]



Acostumados estamos a ver e não enxergar que coisas do nosso cotidiano passam despercebidas no dia-a-dia. Diariamente somos bombardeados por símbolos/imagens que representam/identificam alguma coisa. Um uniforme laranja com uma faixa verde cruza por você: é o gari. Avental branco? Um médico talvez ou alguém de alguma área afim. A indefectível camisa de tergal azul com calça preta e já sabemos que tem um motorista na área! Confusões também acontecem, pois às vezes dá até para confundir segurança com executivo... lógico que por um monte de reais a mais, nota-se a diferença de um terno bem talhado, mas tem segurança aí tão bem vestido que chega a ser confundido...

A roupa! Sim a roupa, esses pedaços de pano carregados de códigos são capazes de, às vezes, em poucos segundos, nos deixar saber o que uma pessoa é ou faz.

Existe também a roupa não roupa, quando a pele toma lugar do tecido e através dela os códigos inscritos no corpo se tornam facilmente identificáveis. É o caso de algumas tribos africanas que fazem o uso da escarificação.

A escarificação estabelece uma identificação tribal, e seus cortes fornecem informações sobre a pessoa que a carrega, ora como adorno, como atrativo sensual, ora como informação.

Para se alcançar o efeito "corte e protuberância" na pele, a mesma é cortada com um gancho ou gilete. Daí, esfregam-se cinzas (pó de carvão) para criar uma pequena infecção na ferida e, às vezes, substâncias medicinais como óleos ou ervas são introduzidas na pele para estimular o sistema imunológico ou para acalmar a dor, pois normalmente perde-se grande quantidade de sangue ao fazer esses cortes. Ao simular esta infecção, aumenta-se o crescimento do tecido da pele e ela fica com um aspecto volumoso permanente tomando a aparência de um quelóide. Os cortes são feitos em desenhos e formas variadas. Nas tribos em que se faz esta forma de arte corporal, os desenhos e as posições onde são colocadas têm um sentido e só podem ser entendidos no contexto de cada tribo. Essas marcas podem indicar diferentes estágios na vida de uma pessoa, bem como seu *status* social. Em algumas tribos, tais cortes já começam nas crianças, que recebem as primeiras incisões logo ao nascer. Nas mulheres, podem variar entre a primeira menstruação, o nascimento da primeira criança ou até a amamentação. Em várias sociedades, pessoas sem essas incisões são vistas como anti-sociais e covardes. Esse significado simbólico e suas implicações sociais, dependendo da tribo, podem mostrar qualidades interiores de uma pessoa, como a coragem e também a fertilidade.

São códigos de comportamento, mesmo tendo um sentido estético ou simbólico. Entre as mulheres Luluwa (Zaire), as escarificações em forma de círculo e espirais simbolizam o sol e a lua, esperança e vitalidade. Já os cortes próximos do umbigo mostram uma relação muito próxima entre ancestrais e a continuidade das gerações. Nas mulheres Nuba (Sudão), as escarificações significam seu papel na sociedade e suas responsabilidades. Tais cortes são feitos em três estágios, sendo o primeiro no torso, na idade próxima aos 10 anos, depois abaixo dos seios após a primeira menstruação. Quando se ganha o primeiro filho, as escarificações são adicionadas nas costas, braços e pernas. A tribo etíope Karo usa a escarificação como sinal de coragem e beleza. As mulheres demonstram coragem e utilizam os cortes para acentuar seus corpos e dar uma textura atraente à pele.

Nos homens, se as escarificações forem feitas no tronco, podem significar que ele já matou inimigos. Se forem nos ombros, significam que ele matou especificamente um inimigo feminino. Havia escarificações tão absurdas (chamadas de *tribal marks*) que foram até banidas por governos africanos. Mas, mesmo em países onde foram proibidas, essas práticas continuam em segredo. Existem também outros povos, como na Austrália, por exemplo, que fazem uso da escarificação. Essa é apenas uma (e das mais antigas técnicas) de *body modification*. Mas falar de *extreme body modification*, escarificações modernas, implantes de *pins* magnéticos, implantes tipo sub-dermal (como *pearling* que consiste em inserir pérolas ou qualquer outro tipo de contas no pênis), línguas bifurcadas e outras alterações do corpo humano vão ficar para uma outra vez!